

FUNARI, P. P. A. *Dressel 20 Inscriptions from Britain and the Consumption of Spanish Olive Oil*. Tempus Reparatum – BAR 250. Oxford, 1996, 137 pp., mapas, ilustrações.

Silvana Trombetta*

O livro de Funari, resultado da tese de livre docência do autor, especialista na análise da epigrafia das ânforas Dressel 20 (tendo em 1990 produzido uma tese de doutorado sobre os padrões de consumo de azeite na Britannia a partir das inscrições das ânforas oleárias), visa responder a uma necessidade de maiores estudos sobre a epigrafia anfórica, questão freqüentemente relegada a um segundo plano.

Com vistas a suprir esta lacuna, inscrições pintadas, grafites e selos são cuidadosamente analisados bem como constantes em um catálogo, o que permite a utilização de dados neste incluso por pesquisadores interessados no aspecto epigráfico, particularmente no que diz respeito ao estudo das ânforas Dressel 20 (mais comumente encontradas na Britannia e possuidoras de uma complexa iconografia) e das relações econômicas decorrentes do comércio de óleo de oliva na Britannia durante o domínio romano.

A análise da epigrafia desse tipo de ânfora passa por uma breve exposição sobre os estudos anfóricos de Heinrich Dressel, do qual, logicamente, deriva o nome das ânforas em questão, e que serve de base para os estudos atuais. Dressel promoveu a análise de três diferentes séries epigráficas: selos, inscrições pintadas e grafites, estabelecendo o significado de cada qual. Seus estudos servem de base para os estudos atuais das ânforas Dressel 20.

Funari também relata a importância dos estudos modernos acerca das inscrições, particularmente de pesquisadores como Remesal (1986) e Rodríguez Almeida (1984), que realizam a análise em separado de cada uma das inscrições epigráficas. Com relação aos selos (presentes sobre a asa ou logo abaixo desta, ou então sobre o corpo da ânfora), a “*tria nomina*” refere-se mais freqüentemente aos produtores de óleo de oliva, ou então, aos produtores de cerâmica. As inscrições pintadas em “*ti-*

tuli alpha” e “*tituli gama*” dizem respeito ao peso do vasilhame e do óleo de oliva em medidas romanas, as incrições em “*tituli beta*”, dizem respeito ao negociante ou a *societas*, formadas por diferentes famílias de comerciantes. Quanto aos grafites, os estudos de Rodríguez Almeida propõem a distinção de três tipos: nomes ou marcas (no genitivo, provavelmente designando o *officinator*); letras e siglas; números.

Quanto à datação, os selos são comumente classificados em Pré-Flavianos, Flavianos, Flaviano-Trajanos, Adrianos, Antoninos ou do século III d.C.

Uma vez expostas as noções históricas e cronológicas com relação às ânforas Dressel 20, o autor delimita mais aprofundadamente seu objeto de estudo, ao analisar as relações comerciais da região sul da Espanha, mais particularmente da Bética, bem como interpreta os vários tipos de epigrafia que se encontram nas ânforas, inscrições estas que perfazem um catálogo para o qual foi destinado um capítulo específico.

As ânforas Dressel 20 foram produzidas na região da Bética, onde, particularmente, são encontradas em maior número. A análise das ânforas, juntamente com dados relativos aos estabelecimentos produtores de óleo de oliva e de cerâmica, mostram um padrão voltado para a exportação.

Quanto às inscrições pintadas, o autor chama a atenção para a falta de estudos detalhados sobre as mesmas, resultado de uma subestimação de seu valor científico.

Tendo em vista contornar esta situação, Funari destina o capítulo 3 – Inscrições Pintadas e Grafites – à publicação de algumas inscrições pela primeira vez, como também à republicação de inscrições já estudadas. O objetivo é possibilitar “aos epigrafistas e conhecedores de ânforas, etc., a ter um acesso mais fácil a estas evidências” (p.7).

Com relação à tipologia, as ânforas globulares Dressel 20, que continham óleo de oliva, mostram um padrão modelo de inscrições pintadas referindo-se ao peso do vasilhame e do óleo de oliva em me-

(*) Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo. Pós-Graduação, Doutorado.

didadas romanas, ao comerciante e ao controle. Porém, estas inscrições não seguem um padrão tão bem conhecido como o dos grafites da região da Bética.

Possíveis interpretações de grafites e inscrições pintadas constantes nessas ânforas são encontradas no próprio capítulo 3, onde, reportando-se às figuras do catálogo, o autor aborda os prováveis significados da epigrafia anfórica das Dressel 20 da Bética e da localidade de Vindolanda.

Assim, por exemplo o grafite inscrito no genitivo (*SVRINAE/VIRILIS*) pode referir-se ao indivíduo que o produziu; inscrições pintadas (*CXVS*) podem aludir a números sequenciais do vasilhame, ao peso dos mesmos ou de algum produto colocado em seu interior depois que o óleo de oliva foi retirado.

Também são particularmente estudados pelo autor dois grafites da região de Vindolanda: *CAPAX* – interpretado como um cognome ou adjetivo relativo ao vasilhame ou como uma palavra comumente usada após a época de Augusto para designar algo que contém uma grande quantidade (hipótese mais provável) – e *SULCO*, interpretado como o próprio ato de escrever com o buril na superfície do vasilhame.

Quatro inscrições pintadas: 1) *CXC*; 2) *CCVVVI*; 3) *MONT*; 4) *CIII* (em *tituli alpha*) *AEMILIORVM ET CASSIORVM* (em *tituli beta*), trazem valiosas informações a respeito da datação, sendo que a inscrição *AEMILIORVM ET CASSIORVM* revela a primeira evidência de uma sociedade, através de uma associação entre duas famílias de comerciantes. Uma outra inscrição, até então inédita, proveniente de Vindolanda, pode revelar uma associação de quatro comerciantes, escrita em *tituli beta* (*LAE-LOPTCAESAELLVPATI*).

A importância de um estudo paleográfico das inscrições também é salientada, na medida em que, comparativamente, a mudança no formato das *tituli picti* revelam mudanças que podem ser estipuladas cronologicamente.

Os grafites e as inscrições pintadas, presentes nas ânforas Dressel 20, que por sua vez encontram-se em diferentes localidades, revelam uma intensa relação comercial que, mais do que uma preferência pelo gosto do óleo de oliva espanhol, parece atestar a adoção de um estilo de vida tido como “civilizado”. Quanto a esta última questão, a posterior análise dos selos realizada pelo autor clarifica ainda mais os aspectos econômicos e sociais ligados ao consumo do óleo de oliva espanhol na Britannia.

Os selos são minuciosamente estudados nos capítulos 4 e 5.

O capítulo 4 é um catálogo dos selos encontrados na Britannia. Nele estão contidas informações a respeito da transcrição; ao fato de o selo ser inédito ou se já publicado; referências às publicações; referências a selos similares já publicados; a localidade onde o selo foi encontrado; a instituição onde o selo se encontra, seguido por todos os dados escritos sobre o fragmento ou a ele diretamente relacionados; o formato da alça; o tamanho do selo em medidas romanas; o tamanho do vasilhame. Referências às datas são realizadas de acordo com dados contextualizados, ligados à associação cerâmica, a camadas estratigráficas, dados para datação provenientes de outros sítios. A referência à produção cerâmica é seguida pela cidade mais provável à qual ela estava ligada. Por fim, são explicitadas as diferentes possibilidades de leitura.

Devido à impossibilidade de reprodução direta dos selos, as imagens do catálogo foram desenhadas pelo autor. Não obstante, o trabalho cuidadoso da reprodução esbarrou em uma falha “técnica”: algumas peças descritas não figuram entre as imagens (145, 161a., 223, 248).

A constituição desse corpo de dados serve de base para o capítulo 5 – Estudo Cronológico dos Selos de Dressel 20 encontrados na Britannia.

Cronologicamente, os selos são classificados em Pré-Flavianos, Flavianos, Antoninos e do século III d. C.

Para analisar mais detalhadamente a importação de óleo de oliva no decorrer do tempo, o número de selos, bem como as diferentes marcas que cada qual comporta, são verificados em três principais regiões importadoras: Sudeste, País de Gales e norte da Britannia, junto à muralha de Adriano. A repartição em três regiões distintas permite a observação de particularidades de cada qual, possibilitando constatar que as relações comerciais na Britannia não se conduziam de uma forma homogênea. Assim, o consumo do óleo de oliva ao longo dos anos revela diferenças entre as regiões.

A explicação para estas diferenças é buscada levando-se em conta a destinação de importações por região e por período. Os sítios do norte, por exemplo, possuíam uma importação destinada ao suprimento militar. A região de Gales, a despeito do decréscimo nas importações durante o século III d. C. em comparação com o período Antonino, revela um aumento em relação ao número de marcas conhecidas, o que indica o acesso a uma maior variedade de exportadores da Bética.

Outro importante dado relaciona os selos com a produção cerâmica da Bética. Para tanto, é lembrado que o Vale da Bética estava dividido em quatro *conuentus iuridici*, sendo que três deles exportavam para a Britannia: *Hispalis, Astigi e Corduba*. Variações na exportação para a Britannia estavam ligadas a alterações que ocorriam tanto nas regiões importadoras quanto exportadoras.

No capítulo conclusivo – Romanização, Epigrafia e Economia –, Funari pretende demonstrar que o estudo da Dressel 20 está diretamente ligado a “três temáticas interrelacionadas: romanização, leitura e epigrafia e história econômica do mundo romano” (p.83).

O conceito de romanização é explicitado, considerando-se que não se deve entendê-lo como um sinônimo de aculturação, mas como uma constante troca entre as culturas.

A escrita era imprescindível para as relações comerciais, e para que houvesse um controle sobre as mesmas eram necessárias as informações provenientes dos *tituli alfa, beta, gama e delta*.

A análise dos selos permite verificar características particulares referentes às relações comerciais dos antigos, contribuindo para a compreensão das especificidades destas, já denotada por autores como Finley, para o qual é fundamental a busca de conceitos e modelos apropriados à economia antiga e não à nossa.

Funari discorre sobre a importância do mercado mas também lembra que este, apesar de possuir uma forte presença na economia romana, não detinha a livre comercialização de certos produtos essenciais como o óleo de oliva. Neste aspecto, Martin Millet ao relatar as modificações econômicas advindas na Britannia com o domínio romano, ressalva que as relações comerciais não eram dominadas por uma livre economia de mercado tal como hoje a entendemos.

O estudo dos selos pode revelar aspectos relacionados a essa intrincada rede de comércio dos antigos, na busca de respostas relativas ao consumo de óleo de oliva em diferentes regiões como a Gália do Norte, a Germania e a Britannia, que mostram coincidências no padrão de consumo que não podem ser atribuídas simplesmente ao acaso.

Quanto ao caso específico da Britannia, os selos elucidam a relação entre as regiões produtoras da Bética e as três localidades britânicas consumidoras de óleo de oliva que, por sua vez, possuem diferentes padrões de consumo.

Longe de uma resposta para todas as questões relativas a inter-relação entre romanização, leitura e economia (e nem mesmo é esta a intenção do autor), o estudo dos selos lança luzes bem como torna possíveis novas interpretações acerca da dominação romana e as relações sócio-comerciais da Britannia.

Referências bibliográficas

- FINLEY, M. I.
1980 *A Economia Antiga*. Porto, Editora Afrontamento.
- FUNARI, P.P.A.
1990 *Padrões de Consumo de Azeite na Britannia Romana*. Tese de Doutorado, FFLCH / USP. São Paulo. 202pp.
- MILLET, M.
1995 *Roman Britain*. London, B. T. Bastford/English Heritage.
- REMESAL, J.
1986 *La annona militaris y la exportación del aceite bético a Germania*. Madrid, Universidad Complutense de Madrid: 18-20.
- RODRÍGUEZ-ALMEIDA, E.
1984 *Il Monte Testaccio*. Rome, Quasar: 178, 185-6, 235-6.

Recebido para publicação em 20 de agosto de 1998.